

Os Lusíadas

Roteiro de Leitura
Carlos Rogério D. Barreiros

Luís de Camões

O RENASCIMENTO

É por volta do século XV que começa, em Portugal, o Renascimento. Já íntima dos ideais humanistas, que cultivavam a leitura dos clássicos gregos e romanos e adotavam a filosofia neoplatônica, a nação portuguesa, não diferente de outras da Europa, viu-se diante de um novo mundo que se afigurava: com a invenção da **tipografia**, difundem-se rapidamente as novas idéias, desentranhadas dos mosteiros; com as **grandes navegações**, são postos em xeque muitos dos valores caros à antiga ordem feudal cujos princípios eram ditados pela Igreja; com outras invenções e avanços técnicos, como as **construções de embarcações** e a **extração mineral**, comprova-se, definitivamente, o domínio do homem sobre a natureza, fazendo cair por terra a submissão cega aos desígnios que lhe eram destinados por Deus.

Surge, também, uma nova classe social: a **burguesia**, composta, em sua parcela mais abastada, de mercadores ávidos por novas especiarias para comerciar e conhecimentos que facilitassem suas incursões por novas terras mais lucrativas; daí seu **investimento na arte e na ciência**.

Se um novo mundo se formava, é certo que a Igreja Católica era duramente golpeada em sua hegemonia: não eram mais suficientes aos burgueses do século XV as doutrinas consagradas na Idade Média. O **lucro**, a **inteligência**, o **corpo humano**, as **atividades civis** e o **saber** desligado da teologia, ensinado nas universidades, tomam o lugar do ascetismo, do saber abstrato, da fé incondicional na Divina Providência, dos formalismos dos cultos, da escolástica e da excessiva sujeição dos leigos ao clero.

Publicam-se as primeiras edições da Bíblia em outras línguas que não o latim; a exegese dos textos sagrados, segundo o ideário da Reforma Protestante, fica por conta dos leitores. Economicamente, eram também incompatíveis com a nova ordem europeia os largos poderes da Igreja, suas extensas propriedades, sua acumulação de bens e o domínio que tinha sobre os monarcas. Em suma, a concepção teocêntrica do mundo, em cujo centro estava Deus, dá espaço a uma outra, **antropocêntrica**, cujo cerne é o **homem**.

Em reação a esta nova mundividência, a Igreja reage bruscamente, com a Contra-Reforma e as perseguições da Inquisição, afogando, principalmente na Península Ibérica, as manifestações renascentistas de ideal antropocêntrico.

É nesse mundo que vive Camões. É preciso notar que Portugal foi protagonista dos dois momentos cruciais que fazem do Renascimento uma época singular, até contraditória, na história do mundo, tempo em que houve evolução científica, descoberta de novos mundos, valorização do homem e da cultura clássica e, simultaneamente, perseguições e atrocidades cometidas pela Inquisição, escravidão de negros e empobrecimento das classes mais baixas da população.

Tendo sido a nação precursora das Grandes Navegações, Portugal gozou no final do século XV e na primeira metade do século XVI de grande prosperidade e contribuiu muito com as inovações técnicas que surgiram nesse período, colaborando no estudo da geografia, da cartografia e da navegação; com a instituição da Inquisição em 1536, com a morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir em 1580 e, finalmente, com o Domínio Espanhol no mesmo ano, assinala-se a decadência do seu império.

O CLASSICISMO

A pesquisa dos textos clássicos de gregos e romanos ditou a tônica das obras de arte do período descrito acima. Entre as principais características que se divulgaram, as mais importantes são a **valorização da Razão e do seu equilíbrio com o sentimento, a imitação dos modelos clássicos, o culto da forma e a existência de um objetivo ético na obra de arte.**

A **valorização da Razão** não excluía, ao contrário do que se pode pensar, as manifestações do sentimento. No entanto, é preciso saber que o artista do período classicista não as deixava verter indiscriminadamente pela obra: é o equilíbrio entre a Razão e o sentimento que a fará de primeira qualidade, universal e impessoal.

A **imitação dos modelos clássicos** era a herança que os classicistas dedicavam aos autores gregos e latinos. Mais uma vez é preciso notar que a imitação não consistia em mera cópia: seguindo os modelos e as tradições clássicas — a **arte**, a eloquência citada por Camões na **Proposição** de *Os Lusíadas* — cada autor faria a sua obra tornar-se perfeita — se ajudado pelo **engenho**, o talento próprio. É notável a ciência que Camões tem desse conceito: não bastava a imitação, era preciso talento particular, inspiração.

O **culto à forma** é consequência das imitações dos modelos. Os classicistas, encontravam nas obras clássicas um modelo ideal, consagrando formas como o soneto, o verso decassílabo heróico e a narrativa épica. As formas populares, como as redondilhas, eram repudiadas pelos classicistas, mas não por Camões, como será observado adiante.

A **existência de um objetivo ético na obra de arte** era conceito também herdado dos clássicos. Os artistas procuravam expressar verdades eternas e superiores, como a Beleza, o Bem e a Verdade.

Em Portugal, situa-se o Classicismo entre 1527, data do retorno de Sá de Miranda a Portugal após uma viagem à Itália — em que, como muitos outros intelectuais de famílias portuguesas abastadas, embebeu-se das idéias do Classicismo — e 1580, data da morte de Camões. Para compreender as manifestações do Classicismo em Portugal, é preciso saber que, curiosamente, as influências da poesia popular e medieval não foram abandonadas, ao contrário: buscou-se ajustar à nova concepção renascentista do mundo os antigos conceitos do medievo. Essa ambigüidade é marca notável da obra de Camões.

LUÍS VAZ DE CAMÕES

Nascido em 1524 ou 1525, talvez em Lisboa, Luís Vaz de Camões era, possivelmente, de família aristocrática, o que lhe valeu a formação clássica e a leitura de autores gregos e latinos. Exilado por haver provocado o amor de damas da corte, como a Infanta D. Maria e D. Catarina de Ataúde, perde o olho direito em Ceuta, em 1549, quando servia como soldado raso. Obrigado a trabalhar no serviço militar ultramarino por ter ferido Gonçalo Borges, servidor do Paço, chega à Índia em 1553 e em 1556 é nomeado “provedor mor dos bens de defuntos e ausentes”, mas, acusado de prevaricação, depois de naufragar no rio Mecon, é preso em Goa. Em 1567 é preso novamente, desta vez em Moçambique de onde, levando uma vida miserável, parte finalmente de volta a Portugal. Em 1572 publica *Os Lusíadas* e recebe por isso uma pensão anual de 15 000 réis, que não é suficiente para tirá-lo da miséria e do abandono em que faleceu a 10 de junho de 1580.

Encontram-se duas vertentes na obra de Camões: a lírica é composta de poemas ainda ligados à tradição medieval, em que era usada a “medida velha” das redondilhas, ou ligados à nova maneira de escrever, o *dolce stil nuovo* renascentista dos versos decassílabos e dos sonetos, odes, elegias, canções, églogas, sextinas e oitavas; a épica tem em *Os Lusíadas* sua expressão.

Consagrada pelos autores da renascença por ter sido o grande gênero literário usado pelos clássicos para narrar grandes feitos, como a *Odisséia*, de Homero e a *Eneida* de Virgílio, a épica tem suas características próprias que devem ser compreendidas antes do estudo de *Os Lusíadas*. Eram narrações em verso de grandes feitos de heróis que, ajudados pelos deuses, equiparavam-se a eles por sua bravura e destreza, desafiando-os por vezes. Curiosamente, tal estrutura se encaixava perfeitamente ao intuito de Camões que descreveu o grande feito realizado pelos portugueses, a descoberta do caminho para as Índias contornando-se o continente africano: equipará-los a deuses, fazendo-os a máxima expressão do homem da renascença, valentes, desafiadores, bravos e nobres, uma vez que exploravam outros continentes também em nome de Deus, para que se espalhasse a fé cristã. O uso da épica como estrutura de uma obra era também conveniente porque ia ao encontro dos valores estéticos usados na época: os versos decassílabos, a influência de divindades e histórias mitológicas na narrativa e o motivo nobre que a revestia.

OS LUSÍADAS

Os Lusíadas são, com efeito, a narração da viagem feita por Vasco da Gama às Índias, em 1498, e seguem rigorosamente a estrutura formal clássica das obras épicas, possuindo dez cantos, em que se divide a narrativa, contando no total 1 102 estrofes em oitava rima, em que há seis rimas cruzadas e as duas finais em paralelo:

Passada esta tão próspera vitÓRIA,	a
Tornado Afonso à lusitana terRA,	b
A se lograr da paz com tanta glÓRIA	a
Quanta soube ganhar na dura guerRA,	b
O caso triste, e dino da memÓRIA	a
Que no sepulcro os homens desenterRA,	b
Aconteceu da mísera e mesquiNHA	c
Que depois de ser morta foi raiNHA.	c

Os versos são decassílabos heróicos, com ênfase na sexta e décima sílabas:

A / se / lo / grar / da / paz / com / tan / ta / gló / ria
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Há poucos versos decassílabos sáficos, com ênfase na quarta, oitava e décima sílabas:

Tor / na / do A / fon / so à / lu / si / ta / na / te / rra
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A narrativa divide-se em:

- **Proposição**, em que se faz um pequeno resumo da obra e explica-se sobre que ela versará;
- **Invocação**, em que se pede às musas — em *Os Lusíadas*, as tágides, ninfas do rio Tejo — ajuda e inspiração para escrever a obra;
- **Dedicatória**, que em *Os Lusíadas* é feita ao rei D. Sebastião;
- **Narração**, que começa *in media res*, isto é, quando os fatos que serão narrados já estão acontecendo; em *Os Lusíadas* começa-se narrando a viagem já no Oceano Índico e o que ocorreu antes será narrado depois;
- **Epílogo**, que encerra a obra.

No **Canto I**, após a Proposição, a Invocação e a Dedicatória, começa a narração: enquanto os portugueses navegam no Índico, os deuses, no Olimpo, discutem seu destino: Júpiter lhes é favorável por serem a nova expressão das antigas civilizações clássicas; Baco enxerga neles uma afronta: se são os homens capazes de grandes feitos, que lugar restará aos Deuses? Os navegantes aportam em Moçambique.

No **Canto II**, sempre importunados por Baco, os portugueses viajam de Mombaça a Melinde, onde serão bem recebidos pelo rei que pede a Vasco da Gama que lhe conte a história do povo português.

É no **Canto III** que está o **episódio de Inês de Castro**, parte da história de Portugal. Há ainda outras passagens importantes: a descrição geográfica da Europa e a localização de Portugal, a vitória de Ourique e a batalha do Salado.

No **Canto IV** a história de Portugal continua a ser narrada. A batalha de Aljubarrota, de Ceuta, o sonho profético de D. Manuel e, finalmente, **o episódio do Velho do Restelo** são os momentos mais importantes deste canto.

No **Canto V** é narrada a viagem de Vasco da Gama até Melinde. A travessia do Cabo das Tormentas, personificado pelo Gigante Adamastor, marca este canto. Encerra-se aqui a fala de Vasco da Gama ao rei de Melinde.

No **Canto VI**, mais uma vez atrapalhados por Baco, ajudado por Éolo e Netuno, e salvos pela benevolência e admiração de Júpiter, os portugueses abandonam Melinde e aportam em Calicute. Na viagem, conta-se a história dos Doze da Inglaterra. Discutem-se a honra e a fama.

O **Canto VII** é marcado pela continuação das considerações sobre honra e fama, a visita a Moçaipe e a audiência com Samorim.

No **Canto VIII**, Paulo da Gama, irmão de Vasco, contará a Catual a história dos portugueses, explicando-lhe o significado das figuras estampadas em uma bandeira. Percebendo indisposição contra os portugueses, Vasco da Gama se deixa aprisionar, mas é resgatado.

No **Canto IX**, retornam os portugueses que, premiados por Vênus, ajudada pelo filho Cupido, são presenteados com uma ilha maravilhosa habitada por ninfas: é o episódio da Ilha dos Amores.

Encerra-se a narrativa no **Canto X**, em que Tétis mostra a Vasco da Gama a máquina do mundo e a armada retorna a Portugal. A tônica do epílogo não é otimista: o narrador tem **a voz enrouquecida** e vê sua nação **no gosto da cobiça e da rudeza**.

A TRAGÉDIA DE INÊS DE CASTRO E D. PEDRO

A tragédia de Inês é um dos episódios mais contundentes da obra épica de Camões. Conta a história de dois amantes, Inês, filha do fidalgo galego D. Pedro de Castro, e Pedro, filho de D. Afonso IV, rei de Portugal. Por estarem casados em segredo, supunha-se que seus filhos poderiam reclamar o trono português no futuro, motivo que levou o rei a assassiná-la brutalmente. Em *Os Lusíadas* não é incluída a mesma crueldade com que D. Pedro, quando rei, se valeu para punir os algozes de sua amada, feita rainha depois de morta.

Para entender o episódio, é preciso observar que, em primeiro lugar, **o autor dirige-se ao Amor**, questionando-lhe sobre o preço que se paga por tê-lo sentido. Marcado com maiúscula, o amor é personificado como culpado pela dor dos amantes.

São notáveis, também, as **comparações que se fazem entre a desgraça de Inês e outras desgraças da mitologia clássica**: a natureza cruel do homem é observada quando citam-se Semírames e Rômulo e Remo, salvos por animais; a injustiça, quando é lembrada a morte de Policena, tão inocente quanto Inês; o horror dos atos humanos, quando o narrador sugere que o sol poderia esconder-se também no dia da morte de Inês, como fez no dia em que Tiestes devorou os próprios filhos.

A súplica e a argumentação de Inês que, em nome do amor por D. Pedro, implora pela vida em troca de desterro são o ponto alto de um episódio lírico cujos motes são a crueldade da natureza humana e as mazelas do Amor, responsável pela tragédia.

O EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO — CANTO III, 118-135

118 - Introdução ao episódio de Inês de Castro. Tendo voltado D. Afonso IV a Portugal da Batalha de Salado, vitorioso, gozando da paz, aconteceu o caso triste e digno de memória.

Passada esta tão próspera vitória¹,
Tornado Afonso² à lusitana terra,
A se lograr³ da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino⁴ da memória
Que no sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois⁵ de ser morta foi rainha.

1 – A batalha do Salado
2 – D. Afonso IV
3 – Gozar da
4 – digno
5 – depois

119 - Camões culpa o Amor, que sujeita os corações humanos, pela morte de Inês. O Amor é chamado violento e feroz, porque nem com lágrimas se contenta; é preciso sangue para fazê-lo.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua⁶,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta⁷ morte sua⁸,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero⁹ Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras¹⁰ banhar em sangue humano.

6 – cruel
7 – funesta
8 – de Inês
9 – impetuoso, violento
10 – altares

120 - Inês estava em Coimbra, às margens do rio Mondego, colhendo os doces frutos da juventude, feliz, sem saber o que lhe reservava o destino. Dizia aos montes e às ervas o nome de seu amado, com lágrimas aos olhos.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fructo,
Naquele engano¹¹ da alma, led e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego¹²,
Dos teus fermosos¹³ olhos nunca enxuto¹⁴,
Aos montes insinuando¹⁵ e às ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas¹⁶.

11 – enlevo, êxtase
12 – rio de Portugal
13 – formosos
14 – enxuto
15 – ensinando
16 – o nome de D.Pedro

121 – Ali, as lembranças de D.Pedro, que estavam sempre na alma de Inês quando estavam distantes, correspondiam às dele, isto é, os amantes pensavam com saudades um no outro. Isto acontecia à noite, em sonhos, ou durante o dia, em pensamentos. Ambos pensavam um no outro com alegria.

Do teu Príncipe ali te respondiam¹⁷
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus¹⁸ olhos te traziam,
Quando dos teus¹⁹ fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto, em fim²⁰, cuidava²¹ e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

17 – correspondiam às tuas lembranças
18 – os olhos de D. Pedro
19 – os olhos de Inês
20 – enfim
21 – pensava

122 - D. Pedro recusa casar-se com outras senhoras, porque o Amor despreza tudo quando cativado pelo belo rosto da amada. D. Afonso IV, observando as **namoradas estranhezas** do filho e o falar do povo, decide tirar a vida de Inês. Perceba que o sujeito **O velho pai sesudo** só encontrará seu verbo na próxima estância: **determina**.

De outras belas senhoras e princesas	22 – núpcias
Os desejados tálamos ²² enjeita ²³ ,	23 – recusa
Que ²⁴ tudo, em fim, tu, puro amor, desprezas,	24 – porque
Quando um gesto suave te sojeita ²⁵ .	25 – cativa
Vendo estas namoradas estranhezas,	26 – sisudo
O velho pai sesudo ²⁶ , que respeita	
O murmurar do povo e a fantasia	
Do filho, que casar-se não queria,	

123 - D. Afonso IV ordena que Inês seja morta para recuperar D. Pedro, que a ela está preso por amor. Acreditava o rei que só com a morte de Inês o fogo do amor seria apagado. O narrador do episódio questiona: de que loucura foi tomada a espada lusitana, que lutou contra os mouros, para que se voltasse contra uma dama frágil e delicada?

Tirar Inês ao mundo determina,	27 – tirar D. Pedro de Inês
Por lhe tirar ²⁷ o filho que tem preso,	28 – com o
Crendo co ²⁸ sangue só da morte indina ²⁹	29 – indigna
Matar do firme amor o fogo aceso.	30 – loucura
Que furor ³⁰ consentiu que a espada fina ³¹	31 – afiada
Que pôde sustentar o grande peso	32 – mouro
Do furor mauro ³² , fosse alevantada ³³	33 – levantada
Contra ua ³⁴ fraca dama delicada?	34 – uma

124 – A bela Inês foi trazida pelos seus algozes – Álvaro Gonzales, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco – ao rei, que já se apiedava dela, mas o povo o convenceu de que deveria matá-la. É introduzido, então, o discurso de Inês, que mais se ressentia por abandonar o amado e os filhos do que por morrer. A fala de Inês só aparecerá na estância 126.

Traziam- [n]a os horríficos ³⁵ algozes ³⁶	35 – que causam horror
Ante o rei, já movido a piedade;	36 – carrascos
Mas o povo, com falsas e ferozes	37 – “Os conselheiros de D. Afonso ponderavam-lhe que a crescente influência dos parentes de D. Inês podia originar perturbações políticas e pôr em perigo a independência do país no futuro reinado e que até o legítimo herdeiro, o filho de D. Constança, poderia ser vítima de ambições daqueles que desejassem ver sentado no trono de Portugal um filho de D. Inês.”
Razões, à morte crua o persuade ³⁷ .	
Ela, com tristes e piedosas vozes,	
Saídas só da mágoa e saudade	
Do seu príncipe e filhos, que deixava,	
Que ³⁸ mais que a própria morte a magoava,	
	38 – O que

Os Lusíadas, Biblioteca do Exército, 1980, p. 252

125 – Continua a introdução ao discurso de Inês, cujos olhos estavam levantados para o céu, mas cujas mãos estavam atadas; ela também está atenta aos filhos, que temia ficarem órfãos.

Pera ³⁹ o céu cristalino alevantando ⁴⁰	39 – para
Com lágrimas os olhos piedosos	40 – levantando
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando	41 – depois
Um dos duros ministros rigorosos),	42 – meninos
E depois ⁴¹ os mininos ⁴² atentando,	43 – orfandade
Que tão queridos tinha e tão mimosos,	44 – para
Cuja orfindade ⁴³ como mãe temia,	
Pera ⁴⁴ o avô cruel assi dizia:	

126 – Começa o discurso: se animais ferozes, como a loba que alimentou Rômulo e Remo, fundadores de Roma, e como as pombas que alimentaram Semírames, abandonada no deserto pela mãe, podem ser piedosos, **por que o não será o rei?** É preciso observar que a frase em destaque não aparece na estância 126, mas na 127, o que dá fôlego e estilo ao texto.

“Se já nas brutas feras, cuja mente⁴⁵
 Natura⁴⁶ fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que somente
 Nas rapinas⁴⁷ aéreas têm o intento,
 Com pequenas crianças viu a gente
 Terem tão piedoso sentimento,
 Como co a mãe de Nino⁴⁸ já mostraram
 E cos irmãos que Roma⁴⁹ edificaram,

45 – índole, instinto
 46 – a Natureza
 47 – roubos
 48 – Semíramis que, abandonada pela mãe no deserto, foi alimentada por pombas
 49 – Rômulo e Remo, fundadores de Roma, que foram amamentados por uma loba.

127 – Conclui-se o pedido de Inês: que o rei tivesse respeito ao netos, já que não o tinha a ela, que morreria por ser fraca e por ser alvo dos amores de D. Pedro; que, enfim, tivesse o rei piedade dela e dos netos, já que não o comove a culpa que ela não tem.

“Ó tu, que tens humano o gesto⁵⁰ e o peito
 (Se de humano é matar ua⁵¹ donzela
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la),
 A estas criancinhas tem⁵² respeito,
 Pois o não tens à morte escura⁵³ dela;
 Mova-te a piedade sua e minha⁵⁴,
 Pois te não move a culpa que não tinha⁵⁵.

50 – aparência
 51 – uma
 52 – forma verbal no modo imperativo
 53 – horrível
 54 – a piedade pelas crianças e por ela
 55 – a culpa que ela, Inês, não tem

128 – Inês argumenta, implorando ao rei que lhe dê vida, porque ela não cometera nenhum erro para perdê-la. Porém, se ele pensa que ela merece a morte, que a desterre, exile, na Sibéria ou na Líbia, onde ela viverá em tristeza.

“E se, vencendo a maura⁵⁶ resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe⁵⁷ também dar vida com clemência
 A quem pera⁵⁸ perdê-la não fez erro⁵⁹;
 Mas, se to assi merece esta inocência⁶⁰,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia⁶¹ fria ou lá na Líbia⁶² ardente,
 Onde em lágrimas viva eternamente;

56 – moura
 57 – forma verbal no modo imperativo
 58 – para
 59 – não cometeu crime
 60 – mas se esta inocência, Inês, merece de ti ser castigada pelo que não fez
 61 – região que corresponde, atualmente, à Sibéria
 62 – nome dado à África pelos romanos

129 – Inês sugere que seja colocada entre animais selvagens para que tente encontrar neles a compaixão que não encontrou nos homens. Ela diz que, exilada, criará os filhos, seu consolo, com o amor por D. Pedro.

“Põe-me onde se use toda a feridade⁶³,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se neles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Ali, co⁶⁴ amor intrínseco e vontade
 Naquele por quem mouro⁶⁵, criarei
 Estas relíquias suas⁶⁶, que aqui viste,
 Que refrigério⁶⁷ sejam da mãe triste.”

63 – ferocidade
 64 – com
 65 – morro
 66 – os filhos de D. Pedro e de Inês, netos do rei
 67 – consolação

130 – O povo decide que Inês deve ser morta, mesmo tendo sido o rei tocado pelas palavras dela. Aqueles que pensam que matá-la é um bom feito sacam das espadas. Há, no final da estrofe, um questionamento: aqueles que são os assassinos de Inês são cavalheiros ou, na verdade, carniceiros ferozes?

Queria perdoar-lhe o rei benino⁶⁸,
 Movido das palavras que o magoam;
 Mas o pertinaz⁶⁹ povo e seu destino
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito ali apregoam⁷⁰.
 Contra ua dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais e cavaleiros⁷¹ ?

68 – benigno
 69 – muito tenaz
 70 – declaram em público
 71 – contra uma dama eles são carniceiros e se dizem cavalheiros?

131 – É citada a morte injusta de Policena, que morreu nas mãos de Pirro por ser alvo dos amores de Aquiles; Camões alude a essa passagem da mitologia comparando Inês e Policena, condenadas injustamente.

Qual⁷² contra a linda moça Policena⁷³
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra⁷⁴ de Aquiles a condena,
 Co ferro⁷⁵ o duro Pirro⁷⁶ se aparelha;
 Mas ela, os olhos co⁷⁷ que o ar serena
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na mísera mãe postos, que endoudece⁷⁸,
 Ao duro sacrifício se oferece:

72 - assim como
 73 - filha de Príamo, rei de Tróia e de Hécuba.
 74 - alma. Pirro sacrificou Policena a pedido do pai, Aquiles.
 75 - espada
 76 - cf. nota 74
 77 - com o
 78 - endoidece

132 – Inês oferece o próprio pescoço aos seus assassinos, que seriam castigados por D. Pedro no futuro, e eles trespassam-lhe o seio com as espadas.

Tais⁷⁹ contra Inês os brutos matadores
 No colo de alabastro⁸⁰, que sostinha⁸¹,
 As obras⁸² com que amor matou de amores
 Aquele que depois a fez rainha⁸³,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ela dos seus olhos regadas⁸⁴ tinha,
 Se encarniçavam⁸⁵, fêrvidos⁸⁶ e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos⁸⁷.

79 - da mesma maneira agiram os assassinos de Inês
 80 - pescoço de mármore
 81 - sustinha, sustentava
 82 - os encantos e a formosura do rosto de Inês
 83 - os encantos e a formosura de Inês mataram de amor D. Pedro, que depois a fará rainha
 84 - tinha regado
 85 - enraiveciam-se
 86 - arrebatados, impacientes
 87 - cuidadosos. Os assassinos de Inês seriam castigados, depois, por D. Pedro.

133 – Assim como o sol se escondeu no dia em que Tiestes alimentou-se dos próprios filhos, poderia fazê-lo no dia da morte de Inês.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes⁸⁸,
 Teus raios apartar aquele dia,
 Como da seva mesa⁸⁹ de Tiestes⁹⁰,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia!
 Vós, ó côncavos vales, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria⁹¹,
 O nome de seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

88 - dos assassinos de Inês
 89 - horrendo banquete
 90 - Tiestes, protagonista de uma tragédia mitológica, devorou os próprios filhos em um banquete oferecido por seu irmão, Atreu, rei de Micenas. O sol, horrorizado, escondeu-se naquele dia.
 91 - a boca de Inês.

134 – Inês é comparada a uma flor colhida por uma criança: está pálida, sem cheiro e sem vida.

Assim como a bonina⁹², que cortada
 Antes do tempo foi, cândida e bela,
 Sendo das mãos lascivas⁹³ maltratada
 Da menina que a trouxe na capela⁹⁴,
 O cheiro traz perdido e a cor murchada:
 Tal está, morta, a pálida donzela,
 Secas do rosto as rosas⁹⁵ e perdida
 A branca e viva cor, co' a⁹⁶ doce vida.

92 - espécie de flor
 93 - brincalhonas
 94 - grinalda
 95 - parte roseada das faces
 96 - com a

135 - As ninfas do rio Mondego choraram tanto pela desgraça de Inês que suas lágrimas transformaram-se na Fonte dos Amores, na Quinta das Lágrimas, em Coimbra.

As filhas do Mondego⁹⁷ a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram⁹⁸
 E, por memória eterna, em fonte pura
 As lágrimas choradas transformaram.
 O nome lhe puseram, que inda dura,
 “Dos amores de Inês”, que ali passaram⁹⁹.
 Vede¹⁰⁰ que fresca fonte rega as flores,
 Que lágrimas são a água e o nome Amores!

97 - as ninfas do Mondego
 98 - recordaram
 99 - aconteceram
 100 - forma verbal no imperativo

A COBIÇA DE MANDAR E A SUPERAÇÃO DOS HOMENS SOBRE A NATUREZA

Se a crueldade da natureza humana foi o motivo da reflexão de Camões na tragédia de Inês de Castro, na fala do velho do Restelo é a ambição desmedida dos homens que será estudada. Endossada pelo choro das mães e esposas, é questionamento quanto aos objetivos da viagem de Vasco da Gama.

Os argumentos de que o velho se vale para fazer seu discurso são simples, mas instigadores. Ao contrário do que se poderia pensar, não é a difusão da fé cristã o motivo da viagem, mas a *cobiça de mandar*, destruidora de reinos e lares; se os portugueses queriam conquistas enaltecidas, poderiam enfrentar os mouros, inimigos da fé cristã, no norte da África, região mais próxima e conhecida; se a viagem se revestia de um intuito nobre, refere-se o velho ao poder enganoso que tem a fama sobre o povo, vendendo-lhe imagens falaciosas de honra e poder, que poderiam ter motivado os marinheiros.

Enfim, **o velho observa a viagem não como superação do homem sobre a natureza, tão cara aos ideais renascentistas, mas como mera expressão da ambição dos homens.** As riquezas, promessas das incursões marítimas, pioram o quadro e confirmam os impropérios do velho: aquela viagem poderia não passar de investimento econômico para uns e possibilidade de ascensão social para outros, mais humildes.

Quando cita Adão, amaldiçoado por ter feito o homem perder sua condição de inocência em troca da tentação, e Ptolomeu, por ter acendido nos homens o fogo do desejo, **o velho apresenta como inerente ao ser humano a cobiça pela fama.** Não obstante, a citação mitológica, no final do texto, deixa evidente a perspectiva pessimista quanto aos portugueses: assim como Faeton e Ícaro, eles não poderão colher de sua empreitada grandes frutos.

É preciso observar, também, o caráter provocativo da fala do velho: se os mais experientes viam na viagem uma manifestação da **estranha condição** dos humanos, aqueles que viajavam simbolizavam a chegada de um novo tempo, em que **a natureza poderia ser destronada**; heróicos, os navegantes partem, apesar dos comentários malfazejos.

EPISÓDIO DO VELHO RESTELO — CANTO IV, 90-104

90 - Uma das mães dos marinheiros que estão abandonando Portugal pergunta ao filho, com quem contava como consolo da velhice, que acabará em choro, porque ele a abandona infeliz. Pergunta também por que o filho a deixa se ele se tornará alimento de peixes.

Qual ¹ vai dizendo: - “Ó filho, a quem eu tinha	1 - uma delas
Só pera ² refrigério ³ e doce emparo	2 - para
Desta cansada já velhice minha,	3 - consolação
Que em choro acabará, penoso e amaro ⁴ ,	4 - amargo
Porque me deixas, mísera e mesquinha ⁵ ?	5 - infeliz
Porque de mi ⁶ te vás, ó filho caro ⁷ ,	6 - mim
A fazer o funéreo enterramento	7 - querido
Onde sejas de pexes ⁸ mantimento?”	8 - peixes

91 - A esposa de um dos marinheiros, descabelada, pergunta a ele por que aventurar a vida que não lhe pertence — já que pertence a ela — no mar. Pergunta também como pode ele se esquecer da afeição que tem com ela por causa de um caminho tão duvidoso. Pergunta, finalmente, se ele quer que o vento leve, com as velas, o amor que eles têm.

Qual em cabelo ⁹ : — “Ó doce e amado esposo,	9 - a outra, descabelada
Sem quem não quis Amor que viver possa,	10 - ides
Porque is ¹⁰ aventurar ao mar iroso	
Essa vida que é minha e não é vossa?	
Como, por um caminho duvidoso,	
Vos esquece a afeição tão doce nossa?	
Nosso amor, nosso vão contentamento,	
Quereis que com as velas leve o vento?”	

92 – Os velhos e os meninos seguiam os marinheiros com as mesmas palavras de compaixão. Os montes parecem comovidos; o número de grãos de areia da praia igualava-se ao de lágrimas.

Nestas e outras palavras que diziam,	11 - piedosa
De amor e de piadosa ¹¹ humanidade ¹² ,	12 - compaixão
Os velhos e os mininos ¹³ os seguiam,	13 - meninos
Em quem menos esforço ¹⁴ põe a idade.	14 - coragem
Os montes de mais perto respondiam,	15 - areia
Quase movidos de alta piedade;	
A branca areia ¹⁵ as lágrimas banhavam,	
Que em multidão com elas se igualavam.	

93 – Para que os marinheiros não mudassem de idéia quanto à viagem, Vasco da Gama ordena que embarquem sem despedidas porque elas magoam os que ficam, as mães e as esposas, e os que vão, mesmo sendo um costume daqueles que se amam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos	16 – assim
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,	17 – costume
Por não nos magoarmos, ou mudarmos	
De prepósito firme começado,	
Determinei de assi ¹⁶ nos embarcarmos,	
Sem o despedimento costumado,	
Que, posto que é de amor usança ¹⁷ boa,	
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.	

94 – Esta estância é a introdução à fala do velho do Restelo, que estava na praia, entre as pessoas que se despediam dos marinheiros, e que aparentava ser experiente e estar descontente com a viagem. Levantando a voz, ele começa seu discurso.

Mas um velho, d’aspeito venerando¹⁸,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando¹⁹
 Três vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 Cum saber só de experiências feito,
 Tais palavras tirou do experto²⁰ peito:

18 – respeitável
 19 – agitando
 20 – experiente

95 – O velho inicia seu discurso amaldiçoando a glória de mandar, a fama e a honra, porque castigam aqueles que amam os aventureiros; mortes, perigos, tormentas e crueldades são as mazelas pelas quais passam os homens em nome dessas vaidades.

— Ó glória de mandar, ó vã cobiça
 Desta vaidade a quem chamamos fama!
 Ó fraudulento²¹ gosto, que se atiça
 Cua²² aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades, neles experimentas!

21 – enganoso
 22 – com uma

96 – Essas vaidades também geram adultérios e destróem reinos; são chamadas ilutres e elevadas, mas na verdade são dignas de censura; afinal, enganam o povo ignorante com nomes que o iludem.

Dura inquietação d’alma e da vida,
 Fonte de desamparos e adultérios,
 Sagaz²³ consumidora conhecida
 De fazendas²⁴, de reinos e de impérios:
 Chamam-te ilustre, chamam-te subida²⁵,
 Sendo dina²⁶ de infames vitupérios²⁷;
 Chamam- te fama e glória soberana,
 Nomes com quem o povo néscio²⁸ se engana.

23 – perspicaz
 24 – bens
 25 – elevada, nobre
 26 – digna
 27 – censuras
 28 – ignorante

97 – O velho questiona os falsos valores que se apresentam ao povo, perguntando a quais desastres levarão as pessoas, que morte destinam a elas, que promessas de dinheiro farão, que famas, histórias, triunfos, palmas e vitórias prometerão.

A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas,
 Debaixo dalgum nome preminente²⁹?
 Que promessas de reinos e de minas
 D’ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometerás? Que histórias?
 Que triunfos? Que palmas³⁰? Que vitórias?

29 – famoso
 30 – coroas de louros

98 – Segundo o velho, o pecado de Adão fez que o homem caísse do Paraíso e perdesse a inocência, a felicidade plena — chamada, no texto, de Idade de Ouro. A idade de ferro e de armas — a guerra — é o destino dos homens. Segundo os antigos, há quatro períodos na vida humana: a idade de Ouro, a de Prata, a de Bronze e a de Ferro. Repare que há, na mesma passagem, motivos bíblicos e clássicos.

Mas, ó tu, geração daquele insano³¹
 Cujo pecado e desobediência
 Não somente do Reino soberano³²
 Te pôs neste desterro e triste ausência,
 Mas inda doutro estado, mais que humano,
 Da quieta e da simples inocência,
 Idade d'ouro, tanto te privou.
 Que na de ferro e d'armas te deitou:

31 – Adão
 32 – o Paraíso

99 – O velho segue afirmando que a geração de Adão se deixa levar pela fantasia; deu à crueldade o nome de valentia; e despreza a vida, que devia sempre ser estimada, pois até Cristo, que a deu, temia perdê-la.

Já que nesta gostosa³³ vaidade
 Tanto enlevas a leve fantasia,
 Já que à bruta crueza³⁴ e feridade³⁵
 Puseste nome esforço e valentia,
 Já que prezas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeu tanto perdê-la Quem³⁶ a dá:

33 – fútil
 34 – crueldade
 35 – ferocidade
 36 – Cristo

100 – Já que os portugueses fazem tudo quanto foi citado na estrofe anterior, o velho questiona por que não atacam os mouros, cuja religião é o islamismo, adversários valorosos que trariam aos portugueses o louvor que desejam.

Não tens contigo o Ismaelita³⁷,
 Com quem sempre terás guerras sobejas³⁸?
 Não segue ele do arábio a lei maldita³⁹,
 Se tu pola de Cristo⁴⁰ só pelejas⁴¹?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riquezas mais desejas?
 Não é por ele armas esforçado,
 Se queres por vitórias ser louvado?

37 – os mouros
 38 – numerosas
 39 – a religião muçulmana
 40 – a religião católica
 41 – 2ª pessoa do singular, do presente do indicativo, do verbo **pelejar**, que significa **lutar**

101 – O velho critica os portugueses que abandonam o reino desprotegido — pois os mouros são inimigos próximos — para buscar animosidades em lugares distantes, apenas para serem chamados senhores da Índia, da Pérsia, da Arábia e da Etiópia.

Deixas criar às portas o inimigo,
 Por⁴² ires buscar outro de tão longe,
 Por⁴³ quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça e se vá deitando ao longe⁴⁴;
 Buscas o incerto e incógnito⁴⁵ perigo
 Por que⁴⁶ a fama te exalte e te lisonje
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da Índia, Pérsia, Arábia e da Etiópia.

42 – para
 43 – por causa de
 44 – perca-se
 45 – desconhecido
 46 – para que

102 – O velho maldiz o primeiro que no mundo lançou ao mar uma embarcação; chama-o digno de pena eterna no inferno e indigno de fama e memória, merecedor de esquecimento.

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
 Nas ondas vela pôs em seco lenho!
 Dino⁴⁷ da eterna pena do profundo⁴⁸,
 Se é justa a justa a lei⁴⁹ que sigo e tenho!
 Nunca juízo⁵⁰ algum alto e profundo
 Nem cítara⁵¹ sonora ou vivo engenho⁵²,
 Te dê por isso fama nem memória,
 Mas contigo se acabe o nome e glória!

47 – digno
 48 – inferno
 49 – a lei da igreja católica
 50 – opinião
 51 – instrumento musical
 52 – talento

103 – Prometeu é condenado pelo velho por ter dado ao homem o fogo – espírito. Teria sido melhor se o homem continuasse a estátua que era. Note-se que Camões, no mesmo episódio, apresenta ao leitor duas lendas da origem do homem.

Trouxe o filho de Jápeto⁵³ do céu
 O fogo⁵⁴ que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas acendeu,
 Em mortes, em desonras (grande engano!)
 Quanto melhor nos fora, Prometeu,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Que a tua estátua ilustre⁵⁵ não tivera
 Fogo de altos desejos que a movera!

53 – Prometeu
 54 – espírito
 55 – a humanidade

104 – Termina o episódio do velho com suas comparações entre a estranha natureza humana e episódios da mitologia: Faeton, quando guiava o carro do Sol, queimou a Terra por aproximar-se dela; Dédalo é o arquiteto do labirinto de Creta cujo filho, Ícaro, queimou as próprias asas de cera ao aproximar-se do Sol, quando tentava sair do labirinto.

Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande arquitecto co filho dando,
 Um, nome ao mar, e outro, fama ao rio⁵⁶.
 Nenhum cometimento alto e nefando
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,
 Deixa intentado⁵⁷ a humana geração.
 Mísera sorte! Estranha condição!

56 – o Rio Pó, onde Faeton caiu
 57 – não tentado

O EPISÓDIO DO GIGANTE ADAMASTOR — CANTO V, 37-60

O Episódio do Gigante Adamastor é, talvez, a passagem mais famosa de *Os Lusíadas*, seja pelas previsões que o horrendo gigante faz na primeira parte de sua fala, seja pela história de amor que narra na segunda: trata-se, a um só tempo, da personificação mais assustadora e comovente da história da literatura portuguesa.

O episódio começa com a armada de Vasco da Gama em tranquila viagem. Subitamente, uma tempestade assombra os marinheiros e surge a figura do gigante – o Cabo da Boa Esperança –, que prediz as desgraças que acontecerão naquelas águas: o naufrágio de algumas naus da esquadra de Pedro Álvares Cabral, a morte de D. Francisco de Almeida e da família de Manuel de Sousa Sepúlveda. O caráter profético dessas afirmações firma em *Os Lusíadas* um paradoxo típico de seu tempo: ao final do episódio, Vasco da Gama pedirá ao Santo Coro dos anjos que não se realizem as previsões feitas pelo gigante. A convivência de crenças pagãs – acreditar nas profecias de uma figura mitológica – e cristãs – pedir proteção aos anjos – é, no mínimo, contraditória, mas comum se for levada em conta a época de produção do texto.

As mazelas amorosas que levaram o gigante a tornar-se Cabo compõem a segunda parte do texto: o amor por Tétis cega Adamastor e o faz entrar em combate com os Deuses do Olimpo; iludido que está, não percebe que foi enganado por Dóris e sua filha: da mesma maneira que os filhos da Terra não conseguiriam vencer os deuses, seu amor não poderá se realizar. Resta-lhe ficar imóvel, observando a ninfa banhar-se ao seu redor, ciente de sua condição menor, ligada ao que é terreno e material.

37 - A viagem da esquadra é rápida e próspera até uma nuvem que escurece os ares surgir sobre as cabeças dos navegantes.

Porém já cinco sóis¹ eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem² navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa³ vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

- 1 - cinco dias.
- 2 - os mares que nunca foram navegados por outras pessoas.
- 3 - a proa que corta os mares

38 - A nuvem escura que surgiu vinha tão carregada que encheu de medo os navegantes. O mar, ao longe, fazia grande ruído ao bater contra os rochedos. Vasco da Gama, atemorizado, lança voz à tempestade perguntando o que era ela, que ela lhe parecia mais que uma simples tormenta marinha. Repare que o cenário aterrador fará a imagem do Gigante ainda mais terrível e assustadora.

Tão temerosa⁴ vinha e carregada,
Que⁵ pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
“Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?”

- 4 - que causa temor.
- 5 - conjunção consecutiva.

39 - Vasco da Gama não havia terminado de falar quando surgiu uma figura enorme, de rosto fechado, de olhos encovados, de postura má, de cabelos crespos e cheios de terra, de boca negra e de dentes amarelos. Esta passagem é meramente descritiva.

Não acabava⁶, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida⁷,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado⁸, a barba esqualida⁹,
Os olhos encovados¹⁰, e a postura
Medonha¹¹ e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

- 6 - Vasco da Gama não havia acabado de falar.
- 7 - forte.
- 8 - fechado.
- 9 - sórdida, suja, desalinhada.
- 10 - os olhos do gigante ficam muito dentro das órbitas.
- 11 - que provoca medo.

40 - A figura era tão enorme que poder-se-ia jurar ser ela o segundo Colosso de Rodes. Surge no quarto verso a introdução da fala do Gigante, cuja voz fazia arrepiar os cabelos e a carne dos navegantes.

Tão grande era de membros, que¹² bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rodes estranhíssimo Colosso¹³,
 Que um dos sete milagres foi do mundo.
 Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo.
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
 A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

12 - conjunção consecutiva.

13 - o Colosso de Rodes, uma das sete maravilhas da Antiguidade, era uma estátua do Sol, na ilha de Rodes.

41 - O gigante chama os portugueses de ousados e afirma que nunca repousam e que tem por meta a glória particular, pois chegaram aos confins do mundo. Repare na ênfase que se dá ao fato de aquelas águas nunca terem sido navegadas por outros: o gigante diz que aquele mar que há tanto ele guarda nunca foi conhecido por outros.

E disse: “Ó gente ousada, mais que quantas
 No mundo cometeram grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas¹⁴, tais e tantas,
 E por trabalhos vãos¹⁵ nunca repousas,
 Pois os vedados términos¹⁶ quebrantas¹⁷
 E navegar nos longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
 Nunca arados¹⁸ d’estranho ou próprio lenho:

14 - por causa de guerras cruéis.

15 - trabalhos realizados para a glória particular.

16 - os proibidos limites, confins do mundo.

17 - ultrapassas.

18 - trata-se de uma comparação entre o arado que corta a terra e o navio que corta o mar.

42 - Já que os portugueses descobriram os segredos do mar, o gigante lhes ordena que ouçam os os sofrimentos futuros, conseqüências do atrevimento de cruzar os mares.

Pois¹⁹ vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do úmido elemento²⁰,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de imortal merecimento,
 Ouve os danos de mi²¹ que apercebidos²²
 Estão a teu sobejo atrevimento²³,
 Por todo largo mar e pola²⁴ terra
 Que inda hás de sojugar²⁵ com dura guerra.

19 - visto que.

20 - o mar.

21 - ligado ao verbo **ouvir**: **ouve de mim os danos**.

22 - preparados.

23 - para teu grande atrevimento.

24 - pela.

25 - subjugar.

43 - O gigante afirma que os navios que fizerem a viagem que Vasco da Gama está fazendo terão aquele cabo como inimigo. A primeira armada a que se refere Adamastor é a de Pedro Álvares Cabral, que perdeu ali quatro de suas naus: o dano – o naufrágio – foi maior que o perigo, pois os navegantes foram surpreendidos.

Sabe que quantas naus esta viagem
 Que tu fazes, fizerem, de atrevidas²⁶,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos e tormentas desmedidas!
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insufridas²⁷,
 Eu farei d’improviso tal castigo,
 Que seja mor o dano que o perigo!

26 - porque são atrevidas.

27 - que não consentem de boa vontade ser quebradas.

44 - O gigante afirma que se vingará ali mesmo de seu descobridor, Bartolomeu Dias, e que outras embarcações portuguesas serão destruídas por ele. As afirmações são ameaçadoras, como se verá: o menor mal será a morte.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu²⁸ suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace²⁹ confiança:
Antes, em vossas naus verei, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

28 - o Cabo da Boa Esperança foi descoberto em 1488 por Bartolomeu Dias, morto no naufrágio citado na estância anterior.
29 - pertinaz, obstinada.

45 - É citado D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, e sua vitória sobre os turcos. O gigante continua ameaçador: junto a ele continua a haver perigo.

E do primeiro ilustre³⁰, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá³¹ a turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos³² o ameaça³³
A destruída Quíloa com Mombaça.

30 - D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, enterrado no cabo da Boa Esperança, depois de morto em uma batalha com os cafres.
31 - deporá. O gigante faz alusão a uma batalha vencida por D. Francisco de Almeida, em 1509, contra os turcos.
32 - por causa de seus danos.
33 - junto a mim haverá a ameaça de Quíloa e Mombaça.

46 - Nesta estrofe o gigante cita a desgraça da família de Manuel de Sousa Sepúlveda, cujo destino será tenebroso: depois de um naufrágio, sofrerão muito.

Outro também virá³⁴, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa³⁵ dama
Que Amor por grão mercê³⁶ lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama³⁷
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru³⁸ naufrágio vivos,
Pera³⁹ verem trabalhos excessivos.

34 - Manuel de Sousa Sepúlveda.
35 - formosa. É a esposa de Manuel de Sousa Sepúlveda.
36 - recompensa.
37 - o verbo está no singular porque os dois núcleos do sujeito composto têm o mesmo significado: a ventura e o fado são o destino do casal.
38 - cruel.
39 - para.

47 - O gigante diz que os filhos queridos de Manuel de Sousa Sepúlveda morrerão de fome e sua esposa será violentada pelos habitantes da África, depois de caminhar pela areia do deserto.

Verão morrer com fome os filhos caros⁴⁰,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres⁴¹, ásperos e avaros⁴²,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros⁴³
À calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada⁴⁴ longamente
Cos delicados pés a areia ardente;

40 - queridos. São os filhos de Manuel de Sousa Sepúlveda.
41 - habitantes negros da África.
42 - rudes e ladrões.
43 - claros.
44 - ter pisado. A construção usada por Camões é clássica.

48 - Os sobreviventes do naufrágio verão Manuel de Sousa Sepúlveda e sua esposa, que morrerão juntos, ficarem no mato quente e inóspito.

E verão mais os olhos⁴⁵ que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na fêrvida e implacábil⁴⁶ espessura⁴⁷.
Ali, depois⁴⁸ que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão⁴⁹.

45 - os olhos dos sobreviventes do naufrágio.
46 - implacável.
47 - o mato.
48 - depois.
49 - para Platão, o corpo era a prisão da alma, que se libertava na hora da morte.

49 - O gigante continuaria fazendo as previsões se Vasco da Gama não o interrompesse perguntando quem era aquela figura maravilhosa. O monstro responderá com voz pesada porque relembriaria seu triste passado.

Mais ia por diante o monstro horrendo⁵⁰
Dizendo nossos fados, quando, alçado⁵¹,
Lhe disse eu: - Que és tu? Que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado!
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara⁵²,
Como quem da pergunta lhe pesara⁵³:

50 - o monstro continuava fazendo as previsões.
51 - erguido.
52 - amarga.
53 - o gigante ficou magoado porque relatará, como se verá a seguir, suas tristes lembranças.

50 - O gigante se apresenta: ele é o Cabo Tormentoso, nunca conhecido pelos geógrafos da Antigüidade, última porção de terra do continente africano, que se alonga para o Pólo Sul, extremamente ofendido com a ousadia dos portugueses.

Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório⁵⁴,
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,
Plínio⁵⁵ e quantos passaram fui notório⁵⁶.
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório⁵⁷,
Que pera⁵⁸ o Pólo Antártico se estende,
A quem voss ousadia tanto ofende.

54 - Bartolomeu Dias chamou aquele cabo de **Cabo Tormentoso**. Depois seu nome foi mudado para **Cabo da Boa Esperança**.
55 - Ptolomeu, Pompônio, Estrabo e Plínio foram geógrafos da Antigüidade.
56 - conhecido.
57 - cabo formado por rochas elevadas.
58 - para.

51 - Adamastor diz que era um dos Titãs, gigantes que lutavam contra Júpiter e que sobrepunham montes para alcançar o Olimpo. Ele, no entanto, buscava a armada de Neptuno, nos mares.

Fui dos filhos aspérrimos⁵⁹ da Terra,
Qual Encélado, Egeu e Centimano⁶⁰;
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano⁶¹;
Não que pusesse serra sobre serra⁶²,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

59 - selvagens.
60 - são os titãs, gigantes filhos da Terra. Adamastor era um deles, segundo o texto.
61 - Júpiter, lançador dos raios de Vulcano.
62 - os Titãs sobrepunham montes para chegar ao Olimpo.

52 - Adamastor cometeu a loucura de lutar contra neptuno por amor a Tétis, por quem desprezou todas as Deusas. Um dia a viu nua na praia e apaixonou-se por ela, e ainda não há algo que deseje mais do que ela.

Amores da alta esposa de Peleu⁶³
 Me fizeram tomar tamanha empresa⁶⁴;
 Todas as Deusas desprezei do Céu,
 Só por amar das águas a princesa⁶⁵;
 Um dia a vi, coas filhas de Nereu⁶⁶,
 Sair nua na praia e logo presa
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

63 - a esposa de Peleu é Tétis.
 64 - a **tamanha empresa** é a luta de adamastor contra Neptuno.
 65 - a princesa das águas também é Tétis.
 66 - as filhas de Nereu são as Nereidas, as filhas do Oceano.

53 - Como jamais conquistaria Tétis porque era muito feio, Adamastor resolveu conquistá-la por meio da guerra e manifestou sua intenção a Dóris, mãe de Tétis, que ouviu da filha a seguinte resposta: como poderia o amor de uma ninfa agüentar o amor de um gigante?

Como fosse impossível⁶⁷ alcançá-la
 Pola⁶⁸ grandeza feia de meu gesto⁶⁹,
 Determinei por armas de tomá-la⁷⁰
 E a Dóris meu caso manifesto.
 De medo a Deusa então por mi⁷¹ lhe fala.
 Mas ela, cum fermoso⁷² riso honesto,
 Respondeu: - Qual será o amor bastante
 De ninfa, que sustente o dum Gigante?

67 - impossível.
 68 - pela.
 69 - rosto.
 70 - determinei conquistá-la por meio da guerra.
 71 - mim.
 72 - formoso.

54 - Continua a resposta de Tétis: ela, para livrar o Oceano da guerra, tentará solucionar o problema com dignidade. O gigante afirma que, já que estava cego de amor, não percebeu que as promessas que Dóris e Tétis lhe faziam eram mentirosas.

Contudo, por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira
 Com que, com minha honra, escuse⁷³ o dano⁷⁴.
 Tal resposta me torna a mensageira⁷⁵.
 Eu, que cair não pude neste engano⁷⁶
 (Que é grande dos amantes a cegueira),
 Encheram-me, com grandes abundanças,
 O peito de desejos e esperanças.

73 - evite.
 74 - perigo.
 75 - Dóris.
 76 - a mentira, que será revelada nos versos seguintes.

55 - Uma noite, louco de amor e desistindo da guerra, aparece-lhe o lindo rosto de Tétis, única e nua. Como louco, o gigante correu abrindo os braços para aquela que era a vida de seu corpo e começou a beijá-la.

Já néscio⁷⁷, já da guerra desistindo,
 Uma noite, de Dóris prometida,
 Me aparece de longe o gesto⁷⁸ lindo
 Da branca Tétis, única, despida.
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços pera aquela que era a vida
 Deste corpo e começo os olhos belos
 A lhe beijar, as faces e os cabelos.

77 - enlouquecido de amor.
 78 - rosto.

56 - Adamastor não consegue expressar a mágoa que sentiu, porque, achando que beijava e abraçava Tétis, encontrou-se abraçado a um duro monte. Sem palavras e imóvel, sentiu-se como uma rocha diante de outra rocha.

Oh! Que não sei de nojo como o conte!
 Que, crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei cum duro monte
 De áspero mato e de espessura brava.
 Estando cum penedo⁷⁹ fronte a fronte,
 Que eu polo rosto angélico apertava⁸⁰,
 Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo⁸¹
 E junto dum penedo outro penedo!

79 - pedra.
 80 - Adamastor apertava a pedra imaginando que era Tétis.
 81 - imóvel.

57 - Adamastor invoca Tétis, perguntando porque, se ela não amava, não o manteve com a ilusão de abraçá-la. Dali ele partiu quase louco pela mágoa e pela desonra procurando outro lugar em que não houvesse quem risse de sua tristeza.

Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
 Daqui me parto, irado e quase insano
 Da mágoa e da desonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58 - Os Titãs já foram vencidos e soterrados para maior segurança dos deuses, contra quem não é possível lutar. Adamastor anuncia, então, seu triste destino.

Eram já neste tempo meus Irmãos
 Vencidos e em miséria extrema postos,
 E, por mais segurar-se Deuses vão⁸²,
 Alguns a vários montes sotopostos⁸³.
 E, como contra o Céu não valem mãos⁸⁴,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo,
 Por meus atrevimentos, o castigo:

82 - para mais segurança dos deuses.
 83 - soterrados.
 84 - não há como vencer os deuses.

59 - A carne do gigante se transformou em terra e os ossos em pedra; seus membros e sua figura alongaram-se pelo mar; os Deuses fizeram dele um Cabo. Para que sofra em dobro, Tétis costuma banhar-se nas águas próximas.

Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros que vês e esta figura
 Por estas longas águas se estenderam;
 Enfim, minha grandíssima estatura
 Neste remoto Cabo converteram
 Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
 Me anda Tétis cercando destas águas.

60 - O gigante desapareceu chorando e o mar soou longínquo. Vasco da Gama ergue os braços ao céu e pede aos anjos que os casos futuros contados por Adamastor não se realizem.

Assi contava; e, cum medonho choro,
Súbito d'ante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra e cum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu⁸⁵, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

85 - Vasco da Gama.